

Aleida Guevara

mst

SIMIENTE DE LA VIDA Y LA ESPERANZA



RESENHA

Cambiando Experiências: as fronteiras abertas do MST

Deni Ireneu Alfaro Rubbo

Mestrando do Programa de Pós-Graduação de
Sociologia da Universidade de São Paulo (USP)

Organizado pela cubana Aleida Guevara March, médica pediatra e filha mais velha do lendário revolucionário Che Guevara, residente atualmente em Cuba, *MST: simiente de la vida y la esperanza* tem como principal desejo *introduzir* a história do MST ao público latino-americano a partir de seus próprios componentes. Ainda que não seja propriamente uma análise científica, mas um livro-entrevista, é parte de um projeto mais amplo de entrevistas entre a autora e diferentes personalidades ligadas aos movimentos sociais da atualidade na América Latina. Sendo colaboradora do *Centro de Estudios Che Guevara y del Amistad con Los Pueblos*, em Cuba, Aleida Guevara segue, atualmente, fazendo inúmeras viagens, principalmente nos países latino-americanos, levando apoio e solidariedade por parte do povo cubano. Foi exatamente em uma dessas viagens que pousou pela primeira vez no Brasil, para inaugurar em Santos um hospital público que levava o nome de seu pai, quando a militante cubana conheceu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Daí em diante iniciou-se, pois, uma intensa realização de tarefas conjuntas entre o movimento e a autora, que considera o MST uma das forças sociais mais importantes do subcontinente.

Logo nas primeiras páginas, a autora anuncia que um dos objetivos gerais do livro é – por meio das entrevistas – apresentar uma “visão pessoal” do MST. As entrevistas contêm uma riqueza indispensável, embora limitadas por sua natureza pessoal, apresentando os entroncamentos de uma trajetória em aberto, desafios e problemas do Movimento, sua capacidade de organização, mobilização e sua incidência em outros movimentos sociais.

A primeira parte do livro é uma extensa entrevista com João Pedro Stédile, um dos fundadores e principais interlocutores do MST, no qual exerce o cargo atualmente de coordenador e participa intensamente das atividades da Via Campesina, organização internacionalista dos movimentos sociais rurais contemporâneos. São tópicos amplos e primordiais para o entendimento mais geral da prática do MST: origens, objetivos, presença das transnacionais na agricultura do Brasil, ocupação de terras e formação dos acampamentos, violência, meios de comunicação, incorporação do militante, estrutura da direção e unidade nacional e as perspectivas e futuro do MST. A formação do MST está intimamente integrada em um contexto mais amplo de crise crônica e posterior definhamento do regime militar brasileiro e, paralelamente, das agitações explosivas dos setores subalternos da sociedade brasileira. Viu-se, então, emergir uma ação coletiva de deserdados da terra, estabelecendo-se um ideário político que consiste na luta pela terra, pela reforma agrária e por uma igualdade social substantiva.

Na recente trajetória do MST, conforme o número de acampamentos e assentamentos aumentasse as demandas por uma assistência por parte do governo tornar-se-iam, segundo o coordenador nacional, “inevitáveis” para a própria sobrevivência das glebas ocupadas. Conforme a avaliação de Stédile, o MST introduziu uma agenda de reivindicações diferente das clássicas ao almejar o acesso ao crédito numa política de democratização da propriedade, o apoio técnico aos assentamentos e a organização do trabalho em cooperativas de produção. “Democratizar o capital”, em suas palavras, seria a busca de resoluções para o emprego no meio rural baseado na produção de gêneros de primeira necessidade como perspectiva de aumento produtivo em longo prazo.

A luta dos acampados e assentados não anulou, contudo, uma intensa preocupação com as necessidades materiais e formação educativa de seus integrantes. Mesmo com um suposto sucesso dessas reivindicações não estariam garantidas mudanças substantivas

para o camponês na terra caso não tivesse acesso à educação. Tornou-se, então, uma das obsessões do MST a democratização da educação no interior da organização, que desenvolveu um programa pedagógico de vários níveis: planejamento de alfabetização para adultos e jovens; introdução de cursos para assentados; a construção de escolas de campo, para fazer com que as crianças permaneçam no campo e não projetem a cidade como objetivo de vida; em aliança com o governo federal atual, a criação de um programa nacional de educação para a reforma agrária através de convênios com 42 universidades espalhadas pelo país, preparando-as para carreiras superiores.

Esse projeto de educação do MST estende-se também para além de suas fronteiras nacionais, consubstanciado com seu projeto de intercâmbio com foco principalmente na América Latina. Não são poucos os integrantes do MST, por exemplo, que são recebidos em Cuba para estudar medicina: segundo o dirigente, “temos enviado, todos os anos, de 15 a 20 jovens a estudar medicina na *Escuela Latinoamericana de Cuba* e agora para este ano [2008] vamos ampliar mais algumas vagas porque se vai criar uma espécie de matriz na *Universidad Latinoamericana* em Venezuela” (p. 11). No mesmo sentido, outros projetos estão em andamento, como o curso especial de agronomia (com enfoque na agroecologia), para ofertar um número significativo de vagas para jovens camponeses.

Um dos eixos principais dessa entrevista segue na tentativa de avaliar os grandes processos de que alguns alcunham de “penetração do capitalismo no campo” ou de “desenvolvimento do capitalismo no campo”. A partir da década de 90, o Brasil seria mais um laboratório, da implantação e consolidação do modelo neoliberal protagonizado pelo capital financeiro e das transnacionais, cuja penetração acintosa no campo, desenvolveria uma concentração de poucas empresas transnacionais no mundo rural. As empresas se beneficiariam de legitimação jurídica para se apropriarem de seres vivos e efetivarem qualquer alteração genética do “produto” (o exemplo mais claro é as sementes patenteadas). Nesse quadro de subordinação à economia estrangeira, os produtos cultivados seriam apenas aqueles destinados à exportação, reduzindo a diversidade alimentícia à monocultura da mercadoria. Qualquer outra planta que nasça e que, portanto, não seja o produto dessas grandes extensões de terra são exterminadas através de intensas doses de veneno, que altera e empobrece profundamente o solo.

São pelo menos duas alterações nesse processo de reestruturação produtiva do campo em nível mundial que o MST contesta: os impactos nefastos do capital na alimentação (padronização dos alimentos industrializados, aumento das doenças cancerígenas) e no meio ambiente (a destruição de grande parte das formas de biodiversidade e do desequilíbrio da atividade climática). Essas incorporações em sua agenda – a defesa da soberania alimentar da biodiversidade –, cada vez mais atuante no MST, não estariam reduzidas aos interesses dos sem-terra; ao contrário, integrariam aos interesses da sociedade, pois os impactos trágicos dessas duas questões desdobram-se em toda vida social da humanidade, e não apenas para um grupo específico.

Na segunda parte do livro, a autora dedica sua atenção àqueles chamados “protagonistas diretos” do MST. Indagando, observando, registrando, conseguiu por meio das entrevistas com cinco camponeses reconstruir parcialmente as relações que constituem a trama da existência dos sem-terra na (difícil) formação dos acampamentos e assentamentos. A transmissão dessa experiência vivida ocorre por meio da história oral da vivência pessoal, da vida cotidiana local e de sua relação com a história de muitos anônimos que compõem a trajetória do MST. Relatam-se a relação com as instâncias públicas estaduais e federais; o aperfeiçoamento no curso de técnicas de administração rural; a etapa que se segue depois da conquista da terra (educação, saúde, acesso ao crédito para produzir) seguida da peleja na terra, almejando o trabalho de cooperação agrícola e a formação de agroindústrias cooperativas (estas somente em poucos assentamentos); as tensões internas no que dizem respeito ao meio de utilizar – coletivamente e/ou individualmente – parte da terra conquistada. Trata-se de um processo efetuado em ritmo lento e inconcluso, num diálogo vivo, em que os integrantes do Movimento aguardam ansiosos em alguma gleba de terra as possibilidades para pôr em prática a utopia e a acumulação, retratando, aos poucos assim a face heterogênea do MST.

Buscando suas próprias experiências no interior do Movimento, os entrevistados procuram dar sua contribuição para mostrar uma dinâmica de identidade que resulta da radical unidade que existe na radical diversidade no MST, desde a fase de gestação até a consolidação. De qualquer forma, apenas faltou explorar de maneira mais intensa o interessantíssimo tema da internacionalização do MST: o exercício de solidariedade internacional com os povos estrangeiros,

as diversas práticas articulatórias, como a Via Campesina, um dos elementos centrais para sua visibilidade, consolidação e aposta em “outro mundo possível”. Seja como for, é preciso compreender que a autora não se preocupa com uma sistematização, nem com uma elaboração teórica, mas se propõe instigar os membros a falar para reconstituir a existência do Movimento. Em síntese, a importância do livro é exatamente proporcional ao impacto que o MST tem perpetuado no imaginário dos movimentos camponeses latino-americanos, ecoando bem além de suas fronteiras e “*atualizando*”, como invocava Walter Benjamin, a circulação entre a memória do passado e abertura do futuro.

GUEVARA, Aleida. *MST: Simiente de la vida y la esperanza*. México, Editora Ocean Sur, 2009.